

## Resumo

Cândido Aragonez de Faria, o Faria, importante caricaturista brasileiro do Império, é hoje, completamente desconhecido. O autor procura levantar ao menos os dados traços principais de sua identidade, o nascimento, filiação e morte, primeiro, nos escritos deixados pelos poucos historiadores que anteriormente buscaram fazê-lo; depois, nas poucas coleções, ainda existentes, das revistas em que trabalhou; e, finalmente, frustrado, numa persistente busca pessoal, nas cidades por onde Faria passou, no Brasil, Argentina e a França.

## Summary

Faria, Candido Aragonez de Faria, important caricaturist of the Brazilian empire, is today completely unknown. The author tries to lift at least the data main lines of its identity, the birth, filiation and death, first, in the writings left by the few historians that previously looked for to do it; then, in the little collections, still existent, of the magazines in that worked; and, finally, frustrated, in a persistent personal search, in the cities through where Faria passed, in Brazil, Argentina and France.

## O FARIA? CONHECE?

## Antonio Luiz Cagnin

Faria! o Cândido Aragonez de Faria? Não sabe quem é?

Muita gente também não sabe. Quase ninguém. Muitos nem sequer ouviram falar. E dizer que foi um dos mais talentosos caricaturistas do seu tempo, na segunda metade do séc. XIX, no segundo Império, reconhecido pela arte e pela verve humorística e satírica. Hoje nem sequer o nome lhe é lembrado.

### um ilustre desconhecido

Dois historiadores somente se ocuparam dele mais longamente: Hérman Lima, em sua monumental e panorâmica *História da Caricatura no Brasil*, em quatro alentados volumes, publicada pela Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro, em 1963, e Athos Damasceno, em *Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX*, publicada pela Editora Globo, em Porto Alegre, em 1962.

No entanto, faltos de material e documentos, limitam-se a tecer não mais que algumas considerações em umas poucas páginas, não sobre a vida de Faria, mas tão somente sobre suas obras, publicadas em diversas revista de caricatura no Rio de

Janeiro, de 1866 até 1878, e, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, de 1878 a 1879,<sup>1</sup> periódicos que enumeramos abaixo:

*A Pacotilha* (Rio, 1866), onde começou, em 1866, com 17 anos apenas.

*O Pandokeu* (Rio, 1866), como se passou a chamar a *Pacotilha*, nesse mesmo ano

*O Zigue-Zague* (Rio, 1878), foi inteiramente ilustrado por Faria.

*O Mosquito* (Rio, 1869-1875), fundado por Faria, aos 20 anos de idade, em 19 de setembro de 1869. Depois de deixá-lo para Angelo Agostini, voltou, em 1875, a trabalhar nele juntamente com Bordalo Pinheiro, vindo de Portugal, contratado para substituir exatamente a Angelo Agostini.

*A Vida Fluminense* (Rio, 1869-1875), fundada por Angelo Agostini e seu padrao Antonio Pedro Marques de Almeida. Faria teve expressiva colaboração, a partir de 1872, especialmente ao ter dado continuação, com 5 capítulos, à primeira novela-folhetim em quadrinhos de que se tem notícia, *As Aventuras de Nhô-Quim, ou Impressões de uma Viagem à Corte*, criada por Angelo Agostini<sup>2</sup> em janeiro de 1869. Conservando os mesmos traços e estilo de Agostini, demonstrou mais uma faceta de sua arte, a de narrador nato de histórias em quadrinhos.

*O Lobisomem* (Rio, 1870-71), absorvido pelo *Mosquito*, em 14 de abril de 1871.

*O Mefistófoles* (Rio, 1874-1875). ilustrado inteiramente por Faria até quando em 1875 o semanário foi também absorvido pelo *Mosquito*.

*O Mequetrefe* (Rio, 1875-1893). Já na sua melhor fase, como nos demais que se lhe seguem.

*O Fígaro* (Rio de Janeiro, 1876-1878). Aí desenhou desde o lançamento em 23 mai 1876 até 19 out 76).

*O Ganganelli* (Rio, 1876), a partir de 19 out 76, vindo do *Fígaro*.

*O Diabrete* (Rio, 1877), ilustrado inteiramente por Faria, a partir de 23 jun 77 ao deixar o *Ganganelli*.

*O Fígaro* (Porto Alegre, 1878-1879), criado por Faria em 6 de outubro de 1878, ao deixar o Rio meses antes daquele mesmo ano.

Mas estas obras são raras. Só a Biblioteca Nacional, do Rio, guarda uma coleção completa, de cada um dos periódicos em que Faria trabalhou, uma apenas, mas felizmente completa. A Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, não possui senão a do *Mosquito*, e incompleta. Não temos notícia de outra instituição, biblioteca ou colecionador que tenha conservado alguma dessas preciosidades.

As dificuldades de acesso e a raridade das coleções geraram um esquecimento quase completo de Faria e apagaram da memória, já débil em nossa terra, a lembrança de sua arte. Nem mereceria ser mencionado outros momentos e autores que mal lhe tocaram o nome:

<sup>1</sup> O artigo é composto na quase sua totalidade de informações respigadas, *ipsis litteris*, nessas obras de Hérmán Lima e de Athos Damasceno, únicas fontes, no momento, donde pudemos haurir maior número de dados – e são poucos – sobre Cândido Aragonês de Faria. Por essa razão as aspas foram dispensadas.

<sup>2</sup> Angelo Agostini (1843-1910). considerado o maior caricaturista e litógrafo da época, foi o iniciador das histórias em quadrinhos no Brasil, em 1869; retratou com humor e sátira a política e a sociedade do Segundo Império.

Depois que deixou o Rio, em 1878, aparece seu nome, por extenso, no *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, de 1881.

Num prolongado silêncio de muitos anos, só em 1917, Max Fleuiss, no artigo “*A Caricatura no Brasil*”, mencionou, mas tão somente, o sobrenome Faria.<sup>3</sup>

Em 1922, em rápida referência, porém, é Raul Pederneiras que, numa de suas crônicas, com toda autoridade de grande caricaturista, incluiu Faria entre “*os verdadeiros prodígios do lápis*”.<sup>4</sup>

Gonzaga Duque, em 1929, também, como Fleuiss, não lhe ultrapassa o sobrenome.<sup>5</sup> Nada mais.

Dez anos depois, em 1939, Ruben Gill, autoridade quanto aos caricaturistas brasileiros do presente século (XX) na sinopse dos “*Caricaturistas do Rio de Janeiro*”,<sup>6</sup> nem sequer o menciona e, mais grave, levado pela semelhança do sobrenome, atribui, erroneamente, ao pintor Leopoldino de Faria o título de iniciador da caricatura no Brasil, que, de direito, cabe não a outro Faria que ao Cândido.

Em 1941, Gondin da Fonseca, como os demais, se limita a citar-lhe o nome, e assim mesmo abreviadamente, e lhe acrescenta ao lado algumas obras: “*FARIA (C. A. de) – O Mosquito, O Diabrete, A Vida Fluminense, O Zigue-Zague*”.<sup>7</sup>

Somente em 1954, Hérman Lima lhe reserva estudo mais alentado no artigo “*Candido de Faria, um Mestre Esquecido*”.<sup>8</sup>

Em 1962, seguindo os passos do artigo de Hérman Lima, o escritor Athos Damasceno, do Rio Grande do Sul, em sua obra já citada, dedica pouco mais que 18 páginas sobre o periódico humorístico, *O Fígaro*, publicado por Faria em Porto Alegre, quando de sua estada naquela cidade em 1878 e 1879.

Quase 20 anos depois do seu primeiro artigo, torna Herman Lima, em 1963, a se ocupar de Faria e engloba tudo o que se dissera antes na sua extensa *História da Caricatura no Brasil*. Quinze páginas, apenas.

As referências à Faria pararam aqui. As vozes se calaram.

## **um brasileiro em Paris**

Depois que deixou o Rio, em 1878, e desde quando rabiscou a última caricatura para deixar o Sul, e, com certeza, o Brasil em 1879, não se teve mais notícias de Faria.

<sup>3</sup> in *Revista do I. H. G. Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 80, vol. 134, 1917

<sup>4</sup> “*A Caricatura de 1822 a 1922*”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7set1922.

<sup>5</sup> *Contemporâneos*. Rio, Tip. Benedito de Sousa, 1929

<sup>6</sup> in *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 10jun1939

<sup>7</sup> Fonseca Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca, 1808-1908*. Rio de Janeiro, Editora Quaresma, 1941

<sup>8</sup> in *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18ago1954

1

Nada mais que quatro documentos, no entanto, encontrados posteriormente, dão conta e confirmam a atuação de Faria no exterior, em Paris e naquela cidade somente.

O primeiro é de 1883. Encontra-se no número 168, da revista francesa *La Caricature*, de Robida,<sup>9</sup> publicada em 17 de março daquele ano. Em página inteira, traz a história em 9 quadrinhos, *Les effets d'une valse, par Faria*: um elegante par de valsistas que no ardor da dança, entre o estardalhaço dos presentes, acaba fundindo-se num parafuso gigantesco, que, sempre girando, girando, entra pelo soalho adentro do salão. O desenho tem a lepidéz, a graça e o movimento do melhor traço parisiense da época, especialmente à maneira de Cham,<sup>10</sup> muito embora seja verdade que a composição reproduz de certo modo outra página, de autoria de Rafael Bordalo Pinheiro, *Metamorfose – O Delírio da Valsa*, aparecida no *Mosquito* de 16abr1877, na qual vemos também um valsista, sozinho, em evoluções de tal velocidade que por fim se transforma igualmente em parafuso e entra do mesmo modo pelo chão abaixo, até sumir, sendo preciso desparafusá-lo para que ele recomece a girar, a girar para a esquerda e sempre.

Anos depois quem fala em Cândido de Faria é Angelo Agostini<sup>11</sup> em carta datada de Paris, de 4 de dezembro de 1889; dá notícia aos companheiros da sua *Revista Ilustrada*, dos encontros que tinha tido na capital francesa com vários pintores, como Vítor Meireles, Lopes Rodrigues, Eduardo Sá e Horácio Hora, a cujos trabalhos se refere com elogios e agrado. Finalmente diz ele: “*Também estive com o nosso antigo colega Faria, que ficou contentíssimo de ver-me. Este não faz pinturas; dedicou-se ao desenho, no qual tem feito imenso progresso e tem, hoje, trabalho a valer para várias ilustrações. É muito procurado e faz bom negócio*”.

Esse “antigo colega Faria” não pode ser outro senão o Cândido, colaborador de outras revistas da época. Quanto à alusão a Faria dedicar-se ao “desenho”, em vez de pintura, é claro que significa ter deixado a caricatura para se especializar no desenho clássico, o que tudo o levou facilmente para o campo da ilustração e do *affiche*.

<sup>9</sup> Albert Robida (Compiègne, França 1848 - 1926, Neuilly-sur-Seine) foi escritor, desenhista, caricaturista, litógrafo. Além da famosa revista *La Caricature* (1880-1893), que lhe deu notoriedade, publicou *Le XXe. Siècle*, em 1883, e *La Guerre ou XXe. Siècle*, em 1887.

<sup>10</sup> Cham, pseudônimo de Amédée de Noé (Paris, 1819-1879), desenhista e caricaturista francês. colaborou nas revistas francesas *Charivari* e *Monde Illustré*, publicadas em Paris.

<sup>11</sup> Ao escrever essa carta, Angelo Agostini já se encontrava há mais de um ano na França. Após a vitoriosa campanha da Abolição, coroada com a promulgação da Lei Áurea que libertava todos os escravos, em que teve participação decisiva, ele tratou de buscar lugar seguro das inúmeras ameaças dos escravocratas e, certamente, do pai de Abigail de Andrade, sua aluna, com quem tivera uma filha. Partiu, então para Paris, em 10 de outubro de 1888, levando a mulher Abigail e a filha Angelina Agostini, e lá permaneceu 6 anos. Naquele mesmo ano de 1889, primeiro do exílio voluntário, a alegria de saber que Abigail participava, com outras pintoras brasileiras, da grande Exposição Universal Internacional, de Paris, e o entusiasmo de ver nascer-lhe um novo filho, em 18 de abril de 1890, a quem deu o próprio nome de Angelo, foram esmagados pela dor também em dose dupla: o pequeno Angelo morreu logo depois e, em seguida, a mãe Abigail, que não suportaram os rigores do inverno.

Um terceiro documento confirma sua estada em Paris e suas novas atividades: um cartaz, que além da assinatura habitual, FARIA, em grandes letras de forma, registra o endereço do seu ateliê “*Affiches FARIA, 6 rue de Steinkerque, Paris*”. O original, oferecido pelo barítono nacional Corbiniano Vilaça, conserva-se ainda no Museu do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, anunciando um *concert brésilien* de Francisco Braga, realizado em Paris na Galérie des Champs Elysées, a 4 de fevereiro de 1896.

Herman Lima menciona também cartazes chegados ao Rio, esses de cinema, do tempo de Lumière e de Pathé Frères (provavelmente entre 1900 a 1910),<sup>12</sup> com a assinatura do ateliê Faria, dos quais, infelizmente, não se tem notícias. Talvez, hoje, ainda exista algum em mãos de colecionador mais afortunado.

Na Paris onde pontificavam famosos cartazistas como um Toulouse-Lautrec, um Capiello, um Chéret, um Mucha, os *affiches* granjearam um tal renome ao artista brasileiro que John Grand-Carteret, embora lhe mencionando apenas o sobrenome profissional, não deixa de incluí-lo na sua *Biografia dos Artistas Caricaturistas*, apêndice ao livro *Les Moeurs et la Caricature en France*:

“*FARIA. Dessinateur lithographe. A executé au crayon gras*<sup>13</sup> *quantité de titres de chansonnettes comique.*”

Mais nada. É tudo que temos sobre Cândido Aragonez de Faria.

Suas obras e estes documentos são os únicos elementos que puderam fornecer aos dois escritores as parcas informações sobre Faria, ainda que tenha gozado, em seu tempo, de grande notoriedade e se tenha alçado, pela beleza do traço, ao lado dos melhores dos artistas da época. Exatamente por isso é que os estudos e análises se alongam quase que tão somente em considerações, muito bem postas aliás, sobre excelência de sua arte, da sua verve satírica, do seu refinado senso de humor, mordaz, galhofeiro, debochado, conforme a ocasião, nas caricaturas de magníficos desenhos, publicadas, durante o Império, na imprensa ilustrada brasileira do séc. XIX.

No entanto, eles pouco puderam revelar sobre sua vida e personalidade, e nem sequer conseguiram definir-lhe a identidade: quando e onde nasceu, quem foram seus pais, onde estudou. Do período em que

<sup>12</sup> Louis Lumière (Besançon, 1864-1948, Bandol) químico e industrial francês, inventor do cinematógrafo, em 1895, e precursor da sétima arte. Entre seus filmes, *La Sorti des Usines Lumière*, *L'Arrosier arrosé*, *L'Arrivée du Train en Gare de la Ciotat*.

Charles Pathé (Chevry-Cossigny, Seine-et-Marne, 1863-1957, Monte Carlo) e seu irmão Emílio (Paris, 1860-1937), engenheiros e industriais franceses, criaram a indústria cinematográfica francesa, o primeiro laboratório de produção de filmes, em 1905, e o primeiro jornal cinematográfico de atualidades, em 1909.

<sup>13</sup> “*Crayon gras*” é o lápis graxo próprio para desenhar na pedra, ou melhor, na prancha litográfica.

esteve fora do Brasil, depois que deixou Porto Alegre, em 1879, são igualmente essas poucas e vagas as notícias dos documentos mencionados acima. Nada se diz sobre sua estada em Paris, se continuou fazendo caricaturas, se casou, com quem, seus filhos. Nada. Só nos restaram interrogações.

## a arte de Faria

Hérman Lima, que dele se ocupou mais longamente, nos desenha em rápidos traços seu trajeto artístico.

Tendo surgido em 1866, na *Pacotilha*, a evolução da arte de Cândido de Faria se processou lentamente, pois, ainda em 1869, nos primeiros números d*O Mosquito*, seu traço continua tímido e inexpressivo, não se diferenciando de quanto se fazia na época em que as revistas de Paris eram às vezes abertamente copiadas por artistas aliás de grande mérito.

Neste sentido, *A Vida Fluminense* ressaltava, em 12 de fevereiro de 1870, a fineza espirituosa do caricaturista que então ainda despontava na revista *O Mosquito*, ao mesmo tempo em que guardava alguma reserva quanto à autenticidade dos desenhos: “*Não é inseto; é antes uma raposa escondida com a ponta da orelha de fora. Faria muito melhor se não entretivesse relações tão íntimas com o Petit Journal pour Rire*”.<sup>14</sup>

Cândido de Faria se impôs, ao menos a partir de 1874, quando lançou o *Mefistófeles*, para depois ingressar n*O Figaro*, como caricaturista de imensos recursos, não só na concepção de suas *charges*, como na execução de seus desenhos.

O traço é já duma firmeza sem vacilações, ao mesmo tempo vigoroso e elegante, seja no recorte das cenas de interior, seja nos flagrantes de rua. Suas damas retratam muito bem a vida social do Segundo Reinado, com as suas pequenas comédias, as suas intrigas de salão, desde a expulsão do Paraíso. Ao lado disso, há um aspecto em que a originalidade desse artista não pode ser contestada, quando, nos seus últimos trabalhos conhecidos, d*O Ganganelli* e d*O Diabrete*, visa os políticos do momento, apanhando-os em situações da maior comicidade de duma força de expressão satírica em que nenhum contemporâneo o excedia plasticamente, nem mesmo próprio Agostini, duma arte aliás inteiramente diversa, pois suas caricaturas eram sempre mais no sentido moderno da caracterização do que da deformação.

No particular observa-se, curiosamente, que Faria foi mesmo um dos poucos, se não raros caricaturistas brasileiros que nunca mostraram qualquer influência de Agostini, o que não deixa de ser digno de nota, pela fascinação do lápis do grande artista italiano sobre os seus contemporâneos.

<sup>14</sup> *Petit Journal pour Rire*, publicado em Paris em 1856, tendo Charles Philippon como diretor, e Nadar, mais tarde o célebre fotógrafo, como redator. Continuação do *Journal pour Rire* (journal d'images, comique, critique, satirique et moqueur), de 1848 a 1855

Dominando do mesmo modo o esfuminho e o bico-de-pena, Faria, ele mesmo, confirma jocosamente esta sua técnica e arte no *Figaro*<sup>15</sup> de 13 de janeiro de 1877, na secção *Rabecadas*. Num dos desenhos de página dupla, aparece o Fígaro batendo à porta da loja “*Pinho Litógrafo*”: “*Sr. Pinho! Lápis pelo amor de Deus! Os assinantes já andam fartos de pena*”.<sup>16</sup>

Os desenhos de Faria a “*bico-de-pena*” são uniformemente tão belos como os feitos a esfuminho, como se pode ver na charge dos galos de briga, engalfinhados em rinha feroz, os dois bichos, maravilhosamente tracejados, dum vigor de ímpeto e duma beleza de desenho que bastariam para consagrar o nome do autor, não fosse ele já a esse tempo um verdadeiro mestre.

Os anos de 1876-78 assinalam o ponto culminante de sua arte, entre nós, como caricaturista sem paralelo entre os contemporâneos nacionais. Além de toda a sua colaboração no *Fígaro*, a maior parte dos seus trabalhos no *Mosquito*, onde voltou a trabalhar em 1875, juntamente com Bordalo Pinheiro, depois da saída de Agostini, e, principalmente, tudo o que nos deixou no *Diabrete* e no *Mequetrefe* a partir de 1877, não teme confronto mesmo com qualquer das melhores composições de Bordalo ou Agostini. Não há nenhum exagero em se dizer que muitas vezes as ultrapassam, não somente pelo jogo do claro-escuro, em que se tornara insuperável na litografia do tempo, como na originalidade do desenho, marcado sempre por um sentido de profundo alcance satírico e vigor plástico. Especialmente no *Mequetrefe*, de 1878, algumas de suas caricaturas de Pedro II, pela virulência do traço e pela espantosa liberdade de concepção, colocam-se à frente das sátiras artisticamente mais belas de toda a vasta iconográfica deformante do velho Imperador

Nos 11 números do *Diabrete*, no *Fígaro*, no *Mefistófeles*, no *Mequetrefe* e no *Ganganelli*, portanto, encontram-se, segundo os especialistas, a partir de 1877, os melhores trabalhos de Faria,

No particular, assinalam-se ainda algumas páginas duplas do *Mequetrefe*, aproveitadas por Faria para apresentação de admiráveis desenhos em negativo, como “*sombras chinesas*”, pelo processo de riscar a pedra a buril, em vez do bico-de-pena ou

<sup>15</sup> *Fígaro*, personagem da comédia *O Barbeiro de Sevilha*, em 4 atos, escrita por Beaumarchais em 1775, foi retomada depois por Rossini para compor em 1816, com libreto de Cesare Sterbini, sua conhecida ópera bufa em 2 atos e de mesmo nome. A partir de então, *Figaro* passou a servir de título a diversas revistas da época em diversos países, como na França e, as de Faria, no Brasil.

Pierre Augustin Caran de Beaumarchais (Paris, 1732-1799) escritor francês, foi sucessivamente, relojoeiro, professor de música, político, financista.

Joaquim Rossini (Pésaro, Itália 1792-1868, Paris) compositor que marcou a ópera italiana pela suas invenções melódicas e rítmicas.

<sup>16</sup> O lápis, ou o *crayon grass*, é o instrumento adequado para os desenhos a *esfuminho* sobre a prancha litográfica, e proporciona o claro e escuro, passagens suaves de luz e sombra, e, com isso, a impressão de volume e profundidade; a pena possibilita a técnica do *bico-de-pena*, os traços firmes e nítidos; o volume e o claro-escuro são obtidos com hachuras. Além disso tanto “lápis” como “pena”, na linguagem verbal, escrita e falada, ou no desenho, eram metáforas comuns na época e muito usadas ainda, hoje em dia; assim o “lápis” significa o desenhista, por se utilizar do lápis para traçar o desenho, e pode significar também, conforme o contexto, o próprio desenho ou a arte desenhar; a “pena” significa o redator, o escritor, ou também a escrita ou a arte de escrever. A metáfora vem de épocas em que se usava realmente de uma pena de ave para escrever.

do esfuminho, com que alcança efeitos surpreendentes, a traços de giz sobre fundo negro, não tendo, também, quem o igualasse no gênero, entre nós.

Em 1878, já no Rio Grande do Sul, seus trabalhos se destacaram tanto pela leveza e a graça dos textos, como, e muito mais, pelos desenhos, fazendo jus à admiração e aos aplausos gerais do público.

O jornal *A Reforma* anunciava assim a publicação do semanário de Faria, em 6 de outubro de 1879:

*“FIGARO.<sup>17</sup> É este o título de um hebdomadário ilustrado em Porto Alegre, cujo primeiro número foi ante-ontem distribuído. É desenhado pelo Sr. Cândido de Faria, habilíssimo artista que há algum tempo se acha entre nós, tendo vindo da Corte [Rio de Janeiro], onde era justamente apreciado pelo seus talentos e chiste para a crítica ilustrada. Os desenhos que apresenta estão bem impressos, e igualam-se aos das melhores publicações da Corte. Iniciou-se ao público em programa chistoso e ilustrado, em que faz seus cumprimentos, enchendo a quarta, a quinta e a oitava páginas com desenhos alegóricos e um texto de apreciável e amena crítica. Consideramos o periódico digno do acolhimento público e, como tal, o saudamos, desejando-lhe vida longa e próspera”.*

O “programa chistoso e ilustrado”, a que se referia *A Reforma*, vinha estampado na primeira página do semanário e figurava o popularíssimo personagem de Beaumarchais - jaleco lantejoulado e calção guarnecido de rendas, liga de borlas e sapato afivelado - de viola a tiracolo e trazendo numa das mãos a clássica navalha do barbeiro, que não era nem é apenas de Sevilha, porém de todo mundo...

A imprensa local, como vemos, desde o lançamento da folha, salientara a excelência das caricaturas e charges de Faria, a que impropriamente denominava de *alegorias*, e, alargando espaço a seu entusiasmo, da sua publicação, “*tão boa quanto as mais bem cuidadas da Corte*“, de onde, aliás, procedia o desenhista, cujos talentos para aquele gênero de jornalismo eram já unânimemente louvados; o lápis do “*chargista carioca*” (o Faria) emparelhava com o dos mais seguros e ágeis colegas de então, à frente dos quais, marchava com brilho o popularíssimo Angelo Agostini. Sua obra tinha caráter, realmente, e o que deixou na província, embora pouco, vale muito.

Tempos depois, já em nossos dias, Athos Damasceno, escritor e pesquisador do Rio Grande do Sul, ao se referir a alguns desenhos encontrados em um único número que conhecia do Figaro, frisa a excelência da arte de Faria: “*Nenhum desenhador de calungas do século XIX foi melhor do que ele, na expressão, no movimento, no risco firme das figuras. Não parecia um caricaturista, um pinta-monos de província. Parecia, isto sim - um chargista da Corte, senhor de forte talento e boa escola.*

<sup>17</sup> Aqui, *Figaro*, além de título, é também a personagem que aparece em quase todas as caricaturas desse periódico de Faria. É, ainda, o próprio Faria, em autocaricatura, retratado em seus 28 anos. Utilizar da figura humana para identificar e caracterizar um periódico era costume da época. Uma espécie de “logotipo” antropomórfico, um signo, que podia significar, conforme o caso, o próprio periódico, o redator ou o repórter com suas notícias.



O que é confirmado, depois, pelo mesmo Damasceno na sua obra de 1962: “... *um desenhista de pulso, um chargista autêntico, como até então não tivéramos nem teríamos mais tarde, viria a dar pouco depois, com seu periódico O Fígaro, singular realce à imprensa caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX. Sob todos os aspectos, foi realmente essa folha o melhor semanário crítico e ilustrado da Província na centúria passada.*”

Um ano depois, em 1963, Hérman não lhe poupa encômios nas páginas da *História da Caricatura: Não apenas como desenhista se destacou de modo particular. Alteou-se sobretudo como humorista que não se limitava ao desenho de exata fatura mas que sabia infundir a esse desenho o calor da malícia, o travo do autêntico caricaturista que tem a seu favor, tanto o engenho do traço, como a graça e a oportunidade do espírito.*

*Várias das composições de Faria constituem genuínos primores da caricatura brasileira de qualquer tempo, merecendo por isso a maior divulgação, quando o contrário é o que tem ocorrido até agora.*

.De próprio Faria seguem algumas pitadas de graça ao estilo francês, a lançar o nº 1 do seu *Fígaro* em Porto Alegre:

Fígaro, gentil barbeiro,  
vem hoje, tal como é,  
com donaire prazenteiro  
oferecer seus serviços.  
O que pode asseverar  
é que há de barbear  
a todos, com muito jeito,  
como hoje está aceito  
no mundo civilizado...  
Sabonete *parfumé*,  
velutine *Charles Fay*,  
o freguês ensaboado  
não sentirá nada o fio  
de seu ferrinho amolado...  
E, quando a mão mais pesada  
esfole um pouco o freguês,  
em lugar do *Cold* creme,  
faz na viola um harpejo...  
E, doce com um bafejo,  
neutraliza-lhe o revés.  
Mas ... deixemos para o lado  
o sentido figurado...

Como vedes, leitor, este jornal  
é crítico, humorístico, ilustrado.  
Quer bem aceito ser - não odiado,  
nesta nossa formosa Capital.

E algumas sentenças em doses homeopáticas:

Antes que riam de mim, rio-me eu dos outros.

A intriga é o meu *pão nosso*.

Onde acaba a virtude, começo eu a rir.

Famílias, que nunca desfranziram a boca, abri-la-ão até os queixais.

Rir-se-á o Clero, a Nobreza e o Povo!

### **mas, afinal, quem é Faria?**

Picado pelo interesse de saber algo do Faria e mais ainda, mordido pela curiosidade, dois anos andei atrás das pistas no afã de conseguir dados que pudessem revelar o outro Faria, aquele pessoa, identificando-o pelos dados primeiros do seu curriculum, a data e local do nascimento, seus pais e mesmo a data e local de sua morte; evelar se, depois de encerrada a bela carreira iniciada no Brasil, foi viver mesmo na Argentina como tencionava ao deixar o país; o que fez em Paris, além do que vai mencionado na carta de Agostini; encontrar farta documentação e obras realizadas, os muitos cartazes do *Affiches FARIA* que fez e que confirmassem a posição entre os grandes cartazistas da época, conforme a indicação de Grand-Charteret, as caricaturas e as histórias em quadrinhos publicadas em revistas francesas...

Em Paris, numa viagem que me fora concedida pelo CNPq, em 1988, comecei imediatamente a procura.

O primeiro passo foi buscar o endereço estampado naquele cartaz de 1896 que se encontra no Brasil, saber onde ficava o ateliê do *Affiches FARIA*. Encontrei. Com facilidade. Lá estava o prédio nº 6 da Steinkerke, uma rua estreita bem defronte à igreja do Sacré Coeur, branca como um grande bolo de neve no alto da *butte* (colina) de Montmartre. Hoje, tomada pelo comércio de árabes, como as demais do Barbés e Pigalle, os bairros de Paris, fervilha de gente à procura de quinquilharias e artigos baratos. Lembra muito a 25 de março de São Paulo. Fotografei tudo em vários ângulos. O Faria trabalhou ali, num desses andares. Por via das dúvidas, fotografei também o prédio ao lado, de nº 16, que Hérman Lima, erroneamente, dá como o endereço do ateliê de Faria. De estilo mais recente que as linhas sóbrias do velho edifício dos “*Affiches*”, ostenta sobre o portal de entrada: “*George – Massa – Architecte – MDCCCIIIC*” (1898), e, nas molduras, portas e janelas, econômicos traços art-nouveau.

Montmartre sempre foi tido como o reduto dos artistas. Se o Faria morreu em Paris - pensava comigo -, tenho que encontrá-lo ali, em Montmartre. A próxima pesquisa, portanto, tem que ser no grande cemitério de Montmartre. Tenho certeza de que ali posso encontrar o registro de sepultamento de Faria e, em consequência, os dados essenciais para identificá-lo. Terei conseguido o que nem Herman Lima conseguiu. A idéia me agita. Na primeira oportunidade corro para lá.

oo0oo

O “conservateur” do cemitério me atende, gentilmente, e pergunta:

- Quando ele morreu? Embasbaquei, desmontado! Como posso saber, se exatamente isto que estou procurando?! Nem sei quando nasceu!
- Não sei! Mas,... não é possível procurar pelo nome? pelo sobrenome? só pela data? Os senhores não têm uma lista aí?
- Não! Os registros são todos pela data de óbito.
- Então, podemos procurar? a partir de 1880 até... (penso rápido, presumo seja esta a data de chegada de Faria em Paris, e, sem saber o que dizer, calculo...) ...até uns 40 anos depois? ... Voilá, procurar de 1880 a 1920 !?.
- Bem, mas assim é muito difícil. São muitos volumes.!
- Mas, eu posso. Permite?

Me entrega os dois primeiros volumes, enormes, capa dura e preta. Depois os outros, a medida que ia pedindo. Horas e horas procurando data por data, nome por nome. 40 anos de registro!

NADA. O Faria não está aqui. Desfeita minha esperança.  
ooOoo

Mas não posso desanimar. Tenho qe aproveitar esta oportunidade de estar em Paris. Tenho que saber onde o Faria foi sepultado. “*Talvez no Père Lachaise*”, já me haviam sugerido, logo que contei o caso do Faria. “*Lá estão todos os grandes artistas*”, me informaram. “*Ou a “mairie”, a prefeitura. Deve ter o registro de tudo*”.

ooOoo

Bato lá. A mesma pergunta: - Quando ele morreu?

Como é possível - penso comigo, revoltado - que a *mairie* de um país adiantado e altamente organizado não tem uma mísera lista em ordem alfabética? um banco de dados? para, num segundo, apertar uma tecla, abrir uma página inteira do computador e me dar a resposta? Insisto ainda. Para consolo, a funcionária, muito gentil, me dá uma dica:

- Quem sabe, talvez na Central dos Cemitérios. Lá eles têm computadores.  
ooOoo

Dia seguinte, já estou na Central. Uma sala grande, um funcionário, sentado a uma pequena mesa no fundo da sala, fumando um charuto, parece estar consultando, enfarado, uns papéis. Volta-se lentamente para mim, com toda a empáfia francesa:

- Sim, meu senhor. Quando ele morreu?
- !? (sempre a mesma pergunta? em todos os lugares?) O senhor não poderia ver pelo nome? pelo sobrenome? Me disseram que os senhores têm computadores.
- Não. Não temos.

ooOoo

Volto, sem ter logrado conseguir, nem nesta derradeira tentativa, nada sobre o Faria. Nada mais a fazer, senão acreditar que possa surgir alguma outra possibilidade,

arquitetar algum novo plano. Ali, desolado olhos na tevê, olhando mas sem, na verdade, ver nada. Últimos dias de Paris. Volto ao Brasil como de lá saí. decepcionado pelo pensamento do fracasso. Em dado momento, na telinha, algo me chama a atenção e me interessa: um documentário sobre a Pathé Cinéma, dos Pathé Frères, sua história, imagens dos primeiros filmes (embaçados e apressadinhos) da primeira indústria cinematográfica do mundo; depois uns cartazes de filmes, os primeiros... Então, que surpresa! em todos a clássica assinatura, bem grande, em letras de forma: FARIA! Não é possível. É o Faria! Cartazes do Faria! Preciso encontrar! Vou encontrar!

ooOooo

Na Pathé:

- Não, meu senhor, não temos nada aqui. Talvez na Biblioteca. Noutro endereço (Meu Deus! vou recomeçar a via-sacra!).

ooOoo

E na biblioteca, a bibliotecária:

- Sim, podemos ver. Mas nada temos. Qual é o seu interesse? alugar algum filme?

- Não, madame, não tenho interesses comerciais. É só uma pesquisa. Procuro, apenas, informações sobre um ex-funcionário da Pathé, do início da Empresa, chamado Faria, e, se possível, gostaria de ver os cartazes de filmes que fez naquela época. Certamente guardam cópias de muitos deles em seus arquivos!

- Não, infelizmente, nada temos. Nenhum cartaz..

Inacreditável. A Pathé devia ter todos os cartazes, até dos primeiríssimos filmes de Lumière. Pensava ter achado a mina e dei com a cara no chão mais uma vez. Agora se esvaíram mesmo todas as esperanças. Justamente agora, últimos dias de minha estada na França. Não há, então, mais nada a fazer, mesmo. Só se cair do céu alguma nova informação pra solucionar o “mistério Faria”. O que fazer ainda? Arrumar a mala, pegar o avião depois de amanhã à noite e, depois, São Paulo. Como é difícil dormir com isso na cabeça, ruminando, ruminando: *Quem sabe acho alguma coisa? uma informação qualquer? pesquisar noutra lugar? Ah! E se o Faria tivesse morado longe de Montmartre? não poderia então ter sido sepultado noutra cemitério? Qual? Como saber disso? percorrer todas a mairie? todos os cemitérios? Vou precisar de pelo menos um mês de andanças, mais uma cansativa via-sacra. E como e quando fazer? Impossível agora! Só noutra viagem? Não, não vou conseguir. Agora não é possível. Só se for por carta, quando estiver de volta, em São Paulo. Cartas! É isso!*

ooOoo

Noite mal dormida. Logo ao levantar, a lista telefônica!! Tenho que escrever. Pra todos os cemeterios de Paris. É preciso tentar tudo. É muito trabalhoso, mas custa pouco. Um bocado de cartas, umas trinta. Pelo menos não vou ter o peso na consciência de não ter feito esta última tentativa.

ooOoo

Último dia. A decepção não me larga: Voltar sem nada do Faria.  
10 horas da manhã. O telefone toca:

- O Faria está aqui!

Não é possível! Meu Deus! Encontrei! encontrei o Faria! Ali mesmo, em Montmartre, no Saint Vincent, o cemitério dos artistas, pequeno, como depois vim a saber. Nem vou acabar de arrumar a mala, vou deixar tudo pra depois. Já, já vou pra lá. A planta da metrô!. A máquina fotográfica! Já estou indo!

ooOoo

Cemitério Saint Vincent, portões abertos. Ali, logo ali, à direita, primeiro túmulo:

<p>CANDIDO de FARIA <i>AFFICHISTE CARICATURISTE.</i> 1849 - 1911</p>
--

As duas datas que tanto procurei e que me fez andar tanto. Ali! Encontrei! Sobre a lousa uma estátua, grande, mais de dois metros de altura: uma mulher de rosto sereno, a deusa das Artes talvez, majestosa! Toda vestida de branco Carrara, sob um caramanchão de flores, abraça com a esquerda o busto de Faria enquanto a direita lhe traça embaixo a clássica assinatura, em letras de forma, bem grande: FARIA. Nas orlas das longas vestes, em letras ascendentes “*F. Charpentier, 1912*”, o escultor.

A riqueza do túmulo bem dizia que o brasileiro Faria venceu na Paris da belle-époque, dos grandes cartazistas Toulouse-Lautrec, Mucha e tantos outros; que conseguiu se igualar aos caricaturistas de então, Caran d'Ache, Robida, Steilen...

Fotos - clique, clique - fotos de todos os ângulos. Pena que o sol se tivesse posto bem atrás da estátua, naquele poente prematuro de inverno: E mais uma garoinha que já vinha incomodando o dia todo: as fotos não saíram boas.

ooOoo

Daí o resto foi fácil. Obter o atestado de sepultamento, o de óbito e ter assim os dados oficiais de identificação do nosso Cândido Aragonez de Faria.

O *Conservateur* do cemitério, ainda que me tivesse censurado ter posto o pé na calçadinha de um túmulo para conseguir fotografar, mal lhe pedi informações sobre Faria, me ofereceu uma cópia do atestado de sepultamento:

Directon des Affaires Municipales  
Inhumations et Pompes Funèbres – Ordre d’Inhumation.  
Préfecture de la Seine- Mairie du 18e. Arrondissement

Le Maire du 18e. Arrondissement vu le certificat remis par M. Levi Braw, docteur en médecine, et qui constate le décès de M. Aragonez de Faria, Candido, agé de 62 ans, arrivé a 17 décembre 1911, a midi heure, rue de Clignancourt, n° 16, ordonne à l’ordonnateur chargé du convoi (après avoir fait mettre le corps dans un cercueil muni d’une estampille portant le n° 5817) de faire transporter et inhumer le corps au cimetière de St. Vincent le 19 X 1911, à 10 heures du matin, et de raporter dans le vingt-quatre heures, à la Mairie, le récépissé du Conservateur du Cimetière. Fait à Pairs, le 18 X 1911.

Recebi também, neste mesmo dia o atestado de sepultamento e do traslado dos restos mortais de sua esposa Berthe Adolphine Bertier para o mesmo cemitério Saint Vincent.

Corri à Mairie. que ainda havia tempo. Com a data de morte, o atestado de óbito saiu rapidinho, sem nenhuma espera, fila nem burocracia, como a nossa no Brasil, enervante. Me deram como atestado não mais que uma simples cópia “xerox” do registro, carimbada e assinada:

5317 Aragonez de Faria.

L’an mil neuf cent onze le dix huit Décembre à neuf heure vingt du matin. Acte de décès de Candido Aragonez de Faria, dessinateur né a Sergipe, (Brésil) le douze Août mil huit cent quarante neuf décédé au domicile conjugal, rue de Clignancourt 16 hier à midi. Fil de Joseph Candido Aragonez de Faria, et de Josepha Aragonez,<sup>18</sup> époux décédés. Marié à Berthe Adolphine Berthier cinquante et un ans, sans profession. Dressé par nous, Maurice Moor adjoint au Maire officier de l’Etat civil du 18e. arrondissement de Paris, Chevalier de la légion d’honneur, après constatation et sur la déclaration de Gabriel Toucher, vingt neuf ans, employé, 2, Place Saint sulpice e de Felix Boudet, quarante et un ans, emplyé 28 rue Hermel, non parents qui ont signé avec nous après lecture.

Tudo o que eu queria (por ora), está aí: data de nascimento e morte, nome dos pais, José Cândido Aragonez de Faria e Josefa Aragonez de Faria; casamento, o segundo,<sup>19</sup> com a francesa Berthe Berthier; naturalidade, Sergipe! Faria, um brasileiro

<sup>18</sup> A mãe, Josefa Aragonez de Faria, espanhola, viúva, 30 anos, faleceu de “tísica pulmonar”, em 1860, segundo necrológio publicado no Jornal do Commercio de 21 de novembro de 1860, na coluna “Gazetilha, p.1

<sup>19</sup> A esposa do primeiro casamento, realizado no Rio, faleceu em 22 de novembro de 1874, com 19 anos apenas. Cfr. Mephistopheles, n° 22, 23nov74.

de Sergipe! Da cidade de Laranjeira, descobrimos depois. Mais do que bem retribuídos os esforços

ooOoo

Mas tinha uma coisinha ainda. 16, rue de Clignancourt! Fotografar a casa onde Faria morreu. O endereço estava nos atestados. Um prédio de 5 andares, bem na esquina, as velhas chaminés das lareiras bem altas em grupos de 6, lá sobre o telhado.

ooOoo

Não cabia em mim. O contentamento era grande demais. Nem Herman sabia. Completara a lacuna deixada por ele. Fechado um capítulo da vida de Faria!

ooOoo

Mas continuei ainda o trabalho. Nas poucas horas que tinha antes de ir para o aeroporto, peguei de novo a lista telefônica e levei comigo os endereços de todos os Faria-s de Paris.

Daqui lhes escrevi uma cartinha para saber se eram descendentes do nosso Faria, se podiam me dar mais informações sobre ele. Para facilitar, juntei à carta um <sup>2</sup>envelope, com selo da França, para que endereçassem a resposta ao casal de meus amigos que continuava em Paris.

Para mais uma surpresa minha, logo depois, recebo uma carta, em São Paulo, de um Mr. Henri Faria de Sousa, que, sem maiores informações sobre Faria, me indicava um primo, Armando de Campos Neves, filho de José Faria de Sousa Neves, de Alcobaça, Portugal: *Ele, sim, poderia me dar notícias.*

Escrevi para os dois. Mr. Henri me respondeu, 3 anos depois, também sem nada acrescentar; o Sr. Armando, até hoje, não deu sinal.

Em 1995, tive o prazer de encontrar, no *Cahier du Cinéma* de novembro daquele ano, uma reprodução de um cartaz de Faria, em cores, apoteótico, sobre os filmes produzidos pela Pathé.

E assim vamos seguindo as pegadas de Faria. Não posso parar.

Faria merece maior atenção. Seus trabalhos precisam ser conhecidos e valorizados por um maior número de pessoas. Suas obras precisam ser divulgadas, facilitando-lhe o acesso, para se tornarem mais conhecidas. Além da arte refinada e humor, há muito o que revelar noutro campo em também foi pioneiro: o dos quadrinhos, em que é menos conhecido ainda, não obstante ter sido um exímio contador de histórias em imagens. Depois de fazer algumas “tiras” em silhuetas, semelhante às placas de vidro usadas então na “lanterna mágica” (a avó distante do nosso projetor de eslaides), deu continuidade, em 1872, à primeira novela-

folhetim de que se tem notícia ou, para usar a palavra hoje em moda, a primeira *graphic novel*: "*As Aventuras de Nhô Quim*" criada por Ângelo Agostini no longínquo 1869, muito antes, quase 30 anos, de os americanos se apossarem do gênero, para, como teimam sempre e em tudo, se dizerem pioneiros e criadores e da nova linguagem e arte.

Muita coisa já descobri depois, que posso relatar noutra ocasião, quando completar meu trabalho, se tiver oportunidade.

Em anexo podem ver uma sinopse de sua vida e a sua cronobiografia. Por ora, aguardem novo contato, como pede o clássico *gancho* das histórias em série:

*“continua no próximo número”*. Talvez.

---